PARINTINS: CIDADE-TERRITÓRIO DAS F[R]ESTIVIDADES SOCIOCULTURAIS

Carlos Carvalho da Silva[1]

Resumo

O artigo visa narrar as festividades dos bois-bumbás de Parintins, sob a ótica do pesquisador-professor da cultura carnavalesca carioca, ingerado em professor-pesquisador das f[r]estividades do município. Emprego o termo f[r]esta, como uma análise das dinâmicas culturais, sociais e artísticas a partir das múltiplas abordagens da história da cultura, não obstante, de como a cidade-território Parintins torna-se pororoca da cultura e de cultura. Com base na metodologia de ação, no levantamento bibliográfico de autores da região Norte e, principalmente, relacionando as oralidades dos interlocutores, os habitantes-celebrantes de Parintins. Compreendo a temática do relato como uma demonstração da importância de como as trajetórias dos pesquisadores e professores, inseridos na cultura local, observam pelas frestas temporais das festas as múltiplas análises e interpretações dos sujeitos que celebram e dos objetos celebrados das culturas parintinense.

Palavras-chave
bois-bumbás; Parintins; festa; cultura.

[1] Docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa F[r]estividades Amazônicas.

Abstract

The article aims to narrate the festivities of the *bois-bumbás* of Parintins from the perspective of a researcher-professor of Rio de Janeiro's carnival culture, who has become a professor-researcher of the municipality's *f[r]estivities*. I employ the term *f[r]esta* as an analytical lens to examine the cultural, social, and artistic dynamics through multiple approaches to the history of culture, as well as to understand how the city-territory of Parintins becomes a "pororoca" of culture and of cultures. The study is based on action methodology, bibliographic research of authors from the Northern region, and, above all, on the oral accounts of interlocutors—the inhabitants-celebrants of Parintins. I understand the theme of this narrative as a demonstration of the importance of how the trajectories of researchers and professors, embedded in local culture, perceive through the temporal fissures of the festivities the multiple analyses and interpretations of both the subjects who celebrate and the celebrated objects of Parintins' cultures.

Keywords

bois-bumbás; Parintins; festivity; culture.

A saga de um canoeiro

> [...] Já vai canoeiro, nas curvas que o remo dá. Já vai canoeiro. Já vai canoeiro, no remanso da travessia, já vai canoeiro. Enfrenta o banzeiro[2] nas ondas do rio. E das correntezas vai o desafio, já vai canoeiro. Teu corpo cansado de grandes viagens, já vai canoeiro. Tuas mãos calejadas do remo a remar, já vai canoeiro. Da tua viagem de tantas remadas, já vai canoeiro. (Barbosa, 1994).

[2] - Banzeiro possui dois significados para os viajantes das embarcações na região. Primeiro, são as ondas formadas quando as embarcações cortam as águas do rio, assim como significar nostalgia ou lamento.

Introduzo o relato com o título e um trecho da toada de Ronaldo Barbosa, *A saga do canoeiro* (1994), pelas aproximações com a trajetória deste comunicador que atravessou as correntezas como desafios, por meio das reflexões e provocações de um espectador-pesquisador do Festival Folclórico de Parintins. A formação do imaginário-conhecimento se construiu a partir do meu encontro com artistas e profissionais dos bois-bumbás atuantes no carnaval carioca, no ano de 2005. Ano após ano, acompanhei atentamente as transmissões do Festival Folclórico de Parintins pela televisão e, posteriormente, mergulhei nas pesquisas acadêmicas publicadas. Trato essa construção como o "olhar do estrangeiro" (Silva, 2023), sobretudo pela percepção e análise de uma cultura distante da minha realidade, na constante troca de saberes-fazeres e nas relações entre os estudos carnavalescos e dos bois-bumbás.

Na trajetória do espectador-pesquisador destaco o ano de 2022, quando fui selecionado como jurado do 55º Festival Folclórico de Parintins — uma espera de 17 anos para presenciar de perto a magnitude proporcionada pelo Festival. Percebi que todo o meu imaginário foi desconstruído a partir do breve contato com o município de Parintins, seus habitantes e suas formas de se relacionar com as culturas dos territórios. Vale ressaltar que, ao longo de minha trajetória no carnaval do Rio de Janeiro, com passagem pelos estudos acadêmicos, acumulei conhecimentos culturais e profissionais que contribuíram para o exercício da função de julgar o festival; embora insuficientes para compreender como um festival consegue, mesmo diante de tantas transformações, converter pensamentos e despertar um interesse ainda maior em adentrar as f[r]estas temporais que a festividade provoca.

Desde então, levei comigo a certeza e a esperança no banzeiro do rio Amazonas de um dia retornar à conhecida Ilha da Magia para construir um olhar baseado nos hábitos e costumes da população parintinense — e não mais sob a ótica do estrangeiro. Meu retorno à cidade do carnaval, o Rio de Janeiro, foi carregado de aprendizados e um pouco do chão de Parintins. A mesma Parintins que fez o curso do meu rio mudar de rumo, pois o efeito da pororoca cultural já havia acontecido. Cabe dizer que, compreendo como *pororoca cultural* o encontro dos saberes e a construção das identidades profissional e acadêmica.

Foi então que decidi escrever o artigo *A materialidade dos bois-bumbás de Parintins: a integração entre o homem e os objetos de devoção* (2023), no qual analisei a materialidade dos bois-bumbás enquanto objetos materiais e sociais que desempenham o papel de mediadores artísticos e culturais, capazes de transitar

por diversos espaços físicos e, simultaneamente, como objetos simbólicos carregados de memórias, histórias e sentimentos. Por forças que não enxergamos, os Orixás e os encantados fizeram com que meu barco retornasse, "enfrenta[ndo] o banzeiro nas ondas dos rios e das correntezas" (Barbosa, 1994). Em 2023, tive a oportunidade de conhecer de perto, na arena conhecida como Bumbódromo, a grandiosidade do Festival Folclórico de Parintins.

Encarei a cidade da - e de - cultura dos bois-bumbás como um espectador anônimo em meio a uma multidão vestida de vermelho e azul, ou azul e vermelho. Fui impactado novamente pelo cotidiano dos habitantes semanas antes do início do festival. Durante esse período transformei minhas andanças diárias pelas ruas — vencendo os obstáculos dos desníveis das calçadas, entrando e saindo de comércios, anotando ruas e pontos de referência — em um verdadeiro trabalho antropológico-visual, buscando compreender como os sujeitos se relacionam com seus objetos de devoção. Outras pequenas frestas se abriram para que eu enxergasse como as festas de Parintins são carregadas de memórias, oralidades e diversas camadas que precisam ser exploradas.

Ressalto que o termo f[r]esta — digo, a interpolação f[r]esta — tornou-se uma forma de identificar as diversas camadas de saberes ainda não analisadas nas festividades brasileiras. Independentemente das explicações para seu uso, as f[r]estas funcionam como pequenas aberturas que provocam e revelam formas, vozes e fazeres artísticos, construindo a polifonia de ritos urbanos, rurais, religiosos, culturais e festivos. Da mesma forma, considero as frestas como festas que, conforme o saudoso professor Carlos Rodrigues Brandão, em *A cultura na rua* (1989), são memórias que alguns seres humanos teimam em esquecer. As festas são camadas de lembranças, narrativas e vozes que abrem f[r]estas temporais, imagéticas e materiais, representadas por sujeitos que celebram objetos. Esses objetos celebrados[3] fazem parte da vida de muitos grupos sociais e são impossíveis de serem explicados somente pelos textos. São "objetos de vida", como cita Marcus Dohmann (2017), relacionados como um denominador comum entre:

[3] - No constante trajeto dos meus estudos no carnaval do Rio de Janeiro e das minhas vivências e experiências nos bois-bumbás de Parintins, emprego minhas referências teóricas e carnavalescas nas análises da festividade dos bois-bumbás. O termo sujeitos celebrantes de Nelson da Nobrega Fernandes, em *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados* (2001, p. 7), faz referência de como sujeitos-sambistas atuaram no sentido de conquistar o espaço festivo da cidade, a partir dos objetos que são celebrados por eles, no caso as escolas de samba do Rio de Janeiro.

> [...] a compreensão de nossas relações com as coisas materiais, enquanto mediadoras do ambiente em que vivemos. Embora as relações humanas nos usos de seus objetos de sobrevivência e de produção pareçam meros artifícios técnicos, não há como dissociá-los das representações mentais e do pensamento religioso, político, linguístico, filosófico e artístico (Dohmann, 2017, p. 43).

A proposta deste relato nasce a partir do encontro entre festividades e das frestas epistemológicas provocadas pelo tempo. Pelas frestas temporais, examino os sentidos que transitam pelos campos artístico, religioso, pedagógico e cultural. Para categorizar as camadas de saberes dos bois-bumbás, trago, além dos conhecimentos acumulados ao longo dos anos, proposições e saberes atuais. Atualmente, como docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), justifico meu objeto de pesquisa apoiando-me no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que trata o Festival Folclórico de Parintins como um:

> fator relevante para as características encontradas no corpo discente do curso [...] composto (no que pode ser observado até a turma ingressante no segundo semestre de 2011) por estudantes que trabalham ou tem relacionamento estreito com pelo menos uma das organizações [bois-bumbás] (UFAM, 2009, p. 10).

Como docente do curso, busco, a partir das pesquisas e das disciplinas, analisar as relações entre os sujeitos brincantes e os objetos de devoção — os bois-bumbás — por meio das aproximações e interesses do corpo discente, da comunidade externa e da esfera pública. Compreendo que as abordagens, dentro e fora da universidade, devem primar por ferramentas metodológicas fundamentais nos diversos contornos em que as culturas são analisadas.

Para tal, os atravessamentos artísticos-culturais acontecem sob a ótica da História Cultural — dos saberes que abrigam múltiplas possibilidades de abordagem dos objetos atualmente estudados: os bois-bumbás de Parintins, entre suas práticas, padrões, processos, sujeitos e agências. A amplitude das abordagens da História Cultural abre um campo diversificado de discussões e reflexões, ora pela contribuição das "práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, **sistemas educativos** (grifo meu), a mediação cultural através de intelectuais, ou

a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de cultura.". (Barros, 2013, p. 55) ou ainda pela diversidade de saberes oriundos de outros campos das ciências sociais, da antropologia, da cultura e das artes — da rua, das encruzilhadas, dos terreiros, dos quintais e da arena.

O autor, pesquisador e professor de 2005 até 2022, e nos anos seguintes, atravessou — e continua sendo atravessado por outros territórios não-institucionalizados — pelas observações, análises e interpretações das f[r]estas, compreendidas como dinâmicas culturais, sociais, pedagógicas e artísticas.

Uma análise de múltiplos olhares, o estrangeiro ingerado[4]

O Festival Folclórico de Parintins desperta sentimentos e interesses em torno de uma celebração. Atrai milhares de pessoas para a Ilha da Magia, mesmo estando localizada a cerca de 360 km de Manaus. Parintins abriga uma festividade de alcance mundial, que acontece durante os três últimos dias do mês de junho. A disputa ocorre no Bumbódromo, uma arena construída em 1988, onde duas associações folclóricas — que dividem paixões, opiniões e antigas rivalidades — dramatizam performances a partir de uma temática, subdividida em três noites de apresentação. De um lado, o boi negro com a estrela na testa, o Caprichoso; do outro, o boi branco com o coração na testa, o Garantido[5]. Suas cores, respectivamente azul e vermelho, representam não apenas as associações folclóricas, mas também delimitam espaços públicos e privados, como ruas, casas e comércios, pela identificação de seus torcedores.

Inegavelmente, o Festival Folclórico de Parintins desperta, também no campo da literatura acadêmica, uma ampla e diversificada produção textual que examina os diversos contornos da festividade. Conforme Brandão (1989, p. 18), "a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem", comprovando que o festival dos bois-bumbás existe para ser lembrado, com o intuito de restabelecer laços afetivos e até mesmo manter os conflitos entre os brincantes.

De uma prática cultural e festiva do passado, quando os embates entre os grupos brincantes ocorriam "na rua ou tentando adentrar no seu território"

[4] - O termo ingerar ou engerar é comumente utilizado pelos habitantes parintinenses e tem o significado de transformação.

[5] - Com a finalidade de mostrar imparcialidade no texto, ao citar as associações folclóricas, colocarei em ordem alfabética.

(Monteverde, 2021), chegamos ao mundo contemporâneo da disputa no Bumbódromo[6]. A dinâmica da estividade, por consequência, proporciona múltiplos saberes ao estimular a criação de um vasto repertório textual e audiovisual — como o projeto *Hoje tem festa de boi – mapeamento das tradicionais disputas folclóricas bovinas em todo o estado do Amazonas* (2020)[7]. O projeto, de curta duração, foi composto por uma equipe multidisciplinar que organizou um levantamento sobre festividades folclóricas e referências bibliográficas com os temas boi-bumbá, cultura e folclore na Amazônia. Infelizmente, por motivos desconhecidos, o *Hoje tem festa de boi* foi retirado de circulação. A equipe do projeto listou 225 publicações, entre artigos científicos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso (TCC), reportagens, livros e produções audiovisuais.

O levantamento realizado pelo projeto comprovou não apenas a dimensão dos múltiplos olhares voltados à região amazônica, mas também a importância pedagógica dos festivais, ao promoverem a democratização dos saberes produzidos. Contudo, ciente da grandiosidade dos materiais produzidos, não é nosso intuito analisá-los nem aprofundar a historicidade do Festival Folclórico de Parintins[8]. Cito tais exemplos com o objetivo de demonstrar como os fluxos e refluxos de caráter pedagógico têm alcance em diversos estados brasileiros e provocam interpretações de uma cidade-festival distinta da cidade localizada em uma ilha, no interior do Estado do Amazonas. Estes imaginários descrevem a região como um lugar "onde combina real e irreal, racional e intuitivo, poético e científico" (Nakanome, 2017, p. 62). O presidente do Conselho de Arte do Boi-bumbá Caprichoso aponta o que Laplantine (1997, p. 28) indica como imaginário, no

6 - Em 2021, foi lançado um documentário com título *Revelando a fábrica de sonhos do Festival de Parintins*, apresentando os saberes artísticos da cultura parintinense, através de entrevistas coletadas por brincantes do Caprichoso e Garantido. Disponível em: https://youtu.be/w_9NyU-8VjTI?si=TfQfQPgBam9wmL7G . Acesso em: 07 de novembro de 2023.

7 - O projeto foi amplamente divulgado pela imprensa digital, como na reportagem *Projeto 'Hoje tem Festa de Boi' faz mapeamento de tradicionais disputas folclóricas do AM*. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/videos-bom-dia-amazonia/video/projeto-hoje-tem-festa-de-boi-faz-mapeamento-de-tradicionais-disputas-folcloricas-do-am-9654389.ghtml . Acesso em: 06 abr 2025.

8 - Entre a diversidade dos estudos sobre o Festival Folclórico de Parintins, tenho como fontes Sérgio Ivan Gil Braga, em *Os bois-bumbás de Parintins* (2002); Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, com *O boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa* (2000), *Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi* (2006) e Brincando de boi: antropologia dos Bois-Bumbá de Parintins, Amazonas. *In* Ciência Hoje. Revista de divulgação da SBPC, vol. 40, agosto de 2007, p. 18-25.

apoio do "real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real", transformam os olhares dos espectadores-brincantes de fora.

Trato este artigo como mais uma possibilidade de reflexão sobre o papel do olhar do estrangeiro[9] - afastado dos conflitos existentes entre os brincantes dos bois-bumbás, mas, ao mesmo tempo, imerso nas múltiplas abordagens da cultura e dos hábitos da população de Parintins. Assim como nas relações existentes entre a cultura dos bois-bumbás, os territórios e os sujeitos — habitantes e passageiros — da cidade de Parintins. Durante minhas andanças pela cidade percebi que o Festival Folclórico provoca a construção de um imaginário parintinense envolto dos Festival Folclórico, representado pelos bois-bumbás Caprichoso e Garantido. Como, por exemplo, se observa nas Figuras 1 e 2.



Figura 1 – Rua Rio Branco, reduto Caprichoso.
Fonte: Acervo do autor, 2023.

[9] - Gilberto Velho, no capítulo *Observando o familiar*. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004, considera como premissa inicial de um pesquisador o distanciamento que "garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho" (2004, p. 123). Portanto, utilizo o termo olhar do estrangeiro ou olhar estrangeiro, para predizer que o festival e os bois-bumbás serão observados a partir do cotidiano e hábitos dos brincantes, sem influências dos fatores internos ou externos que cercam a festividade.



Figura 2 – Rua Armando Prado, reduto Garantido.
Fonte: Acervo do autor, 2023.

As fotografias revelam como a cidade transforma sua dinâmica cultural em visualidades que alimentam o imaginário. Dessa forma, o cenário se aproxima dos estudos de Wilson Nogueira (2014, p. 10), a respeito do "imaginário amazônico das construções de imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões do real capazes de expressar e/ou representar modos de vida, coisas e a natureza de um lugar/região social e territorialmente localizado [...]."

Na Figura 3, a cidade artístico-cultural ornamentada dialoga com a arquitetura local e convive harmonicamente com o cotidiano dos sujeitos. Durante o Festival Folclórico de Parintins, o deslocamento dos brincantes mantém um ritual que, ano após ano, modifica o cenário. Observo que o fluxo de brincantes no período bovino cresce gradativamente a partir do mês de maio, atingindo seu

ápice no mês de junho, durante o período festivo, e, definitivamente, a cidade se transforma em cidade-espetáculo.



Figura 3 – Arte e arquitetura em harmonia com o cotidiano parintinense.
Fonte: Acervo do autor, 2025.

Os brincantes ocupam as principais ruas, praças e a conhecida Avenida Amazonas, nos "fluxos culturais que interagem ou se misturam permanentemente" (Nogueira, 2014, p. 18) durante a festividade. A quantidade de brincantes e visitante, entre as estruturas de organização do festival, dificultam a percepção das características estruturais da cidade — como as pequenas valas paralelas às calçadas, a falta de saneamento básico e os problemas relacionados ao descarte de lixo, entre outros, como ilustra a Figura 4.



Figura 4 – Avenida Amazonas fora do período do Festival, Centro de Parintins.
Fonte: Acervo do autor, 2025.

Para compreender os deslocamentos de visitantes e os imaginários construídos, bem como as percepções da cidade-território dos bois-bumbás durante o período do Festival Folclórico, parto do ensinamento de José D'Assunção Barros, em *Cidade e cultura: considerações sobre uma relação complexa* (2011, p. 103). O autor considera a cidade como um lugar-comum de trocas culturais, onde "nem sempre [as cidades] pertencem aos seus habitantes, tornando-se um pouco possuídas por estrangeiros". A cidade-território Parintins divide seu espaço com a cidade-espetáculo Festival Folclórico de Parintins, por exemplo, quando as residências são desocupadas por seus donos e temporariamente ocupadas por sujeitos brincantes e visitantes de todos os lugares — os estrangeiros.

Nesse contexto, o real e o irreal, o racional e o intuitivo, o poético e o científico — conforme defendido por Nakanome (2017) — convergem para uma única ilha, cuja população dobra durante o festival, produzindo novos imaginários.

Para compreender as transformações da cidade-território, costumo tratar as festividades de Parintins, ou f[r]estividades, a partir das encruzilhadas criadas com o carnaval carioca. Assim, a cidade-espetáculo Festival Folclórico de Parintins, conforme descreve Helenise Guimarães, em *A batalha das ornamentações* (2015, p. 68), torna-se uma "cidade engalanada", ou seja, com as ruas tomadas por decorações que transformam seus espaços festivos e a forma como estes territórios são adequados à folia.

O Festival transforma a cidade, alimenta o imaginário dos brincantes e espectadores e, consequentemente, "recria e reordena a cidade" (Nogueira, 2014, p. 10), conforme observamos na Figura 5. A praça onde está localizada a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, o antigo território de apaziguamento das disputas violentas entre os bois-bumbás, transforma-se num espaço de convivência, conhecido como Estação da Cultura, com venda de artesanato, culinária, produtos, apresentações musicais e palestras.



Figura 5 – Estação da Cultura – Praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo.
Fonte: Divulgação Cultura Amazônica, 2024.[10]

[10] - Disponível em: https://www.culturaamazonica.com.br/2024/06/18/festival-de-parintins-2024-praca-da-catedral-recebe-estacao-da-cultura/ Acesso: 11 abr 2025.

Item 22[11]. Parintins, cidade-território-espetáculo: sujeitos celebrantes e objetos celebrados

Analisar e interpretar as pororocas culturais do município de Parintins é como tentar mergulhar no encontro das águas do mar com o rio. Contudo, a mesma pororoca, que faz com que águas aparentemente distintas habitem e interajam em um único espaço, assemelha-se às observações do professor-pesquisador sobre as f[r]estividades dos bois-bumbás de Parintins, discutidas neste relato. Dinâmica, polissêmica e caleidoscópica, essa experiência revela, por meio de suas ranhuras temporais, camadas sobrepostas de narrativas, oralidades e visualidades de sujeitos que celebram objetos e seus territórios como partes indissociáveis de seus hábitos e costumes. Tornam-se sujeitos celebrantes, assim como os objetos celebrados determinam os significados da festa dos bois-bumbás.

A cidade-território, ingerada pelos brincantes em cidade-espetáculo, escamoteia suas mazelas e, por muitas vezes, é menosprezada por aqueles que pisam em seus territórios sagrados. As oralidades, ora abafadas pelos sons do vai e vem dos brincantes, ora amplificadas na arena pelos bois-bumbás, reverberam para o mundo uma cidade-território-espetáculo que clama por pautas vividas e experienciadas. Os bois-bumbás de Parintins pensam nas práticas artístico-culturais como expressões coletivas de contextos sociais. Para Howard S. Becker (1977, p. 205) a arte, tratada como ação coletiva, constitui a organização dos espaços — aqui entendidos como territórios —, bem como dos sistemas que estruturam as cidades-territórios nas diferentes esferas: social, política, econômica, entre outras. O autor explica as "atividades coletivas por meio das quais elas foram produzidas, ou falando de estruturas sociais sem referências às ações de pessoas que fazem juntas coisas que criam essas estruturas".

O Festival Folclórico de Parintins, representado por seus bois-bumbás Caprichoso e Garantido, reivindica a valorização das ações coletivas dos sujeitos que alimentam as temáticas das associações, assim como de suas presenças no Bumbódromo. Becker (1977), certamente se orgulharia ao descobrir que a arte dos bois-bumbás de Parintins não celebra apenas o hiper dimensionamento das práticas socioculturais, transformadas na espetacularização da cultura na arena, mas também insere vozes, oralidades e dá visibilidade aos sujeitos que, durante muito tempo, foram esquecidos e colocados às margens da sociedade brasileira.

11 - A referência do Item significa os elementos julgados no Festival Folclórico de Parintins. Ao total são 21, divididos nos blocos musical, cênico/coreográfico e artístico.

Um Auto [in]conclusivo: procura-se novas frestas

Geralmente, as considerações finais ou conclusões são os espaços onde se reúnem as ideias mais importantes e se busca sintetizá-las. Aproveito, portanto, para informar aos leitores que este relato apresenta um Auto [in]conclusivo, em consonância com a dinâmica da própria cultura, que é contínua. Sem recorrer a frases como "tendo em vista o acima exposto"[12], este Auto [in]conclusivo assume outra função: a de criar provocações ou, aproveitando as interpolações ao longo do texto, prefiro chamar de provoc[ações].

Essa escolha visa despertar nos demais pesquisadores o interesse por mergulhos nas pororocas culturais que, diferentemente das pororocas reais, provocam buscas nas complexas e diversificadas frestas temporais e festivas, entre interpretações necessárias das culturas do município de Parintins e dos demais municípios do interior do Amazonas. Espero que essas provoc[ações] inspirem ações nos brincantes e admiradores, como sou inspirado a cada mergulho nas águas do rio Amazonas, para refletir sobre as práticas artístico-culturais e sociais, as narrativas, oralidades e experiências como afirmações identitárias e territoriais parintinenses.

Utilizo o Auto da mesma forma que os bois-bumbás conseguiram ressignificar os Autos usados pelos jesuítas na catequização dos indígenas. O Auto do boi-bumbá transformado moldou-se à realidade festiva da Ilha de Tupinambarana. O Festival Folclórico de Parintins nasce do Folguedo do Boi, dos conflitos violentos entre Caprichoso e Garantido, da domesticação católica, dos regulamentos do poder público, dos interesses externos — financeiros e políticos —, mas, principalmente, da vontade dos sujeitos que celebram seus objetos simbólicos e reais pelas ruas, avenidas, quintais, currais ou terreiros.

RECEBIDO em 25/09/2025
APROVADO em 08/01/2026

12 - Destaque meu.

Refencias

BARBOSA, Ronaldo. **Saga de um canoeiro** (1994). Letras. Disponível em: https://www.letras.mus.br/caprichoso-boi-bumba/saga-de-um-canoeiro/ . Acesso em 12 abr 2025.

BARROS, José D'Assunção. **O campo de história: especialidades e abordagens**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013.

BECKER, Howard S. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas/SP: Papirus, 1989.

BRASIL. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais (2009)**. Disponível em: https://icsez.ufam.edu.br/cursos-de-graduacao/artes-visuais/ppc.html . Acesso em: 12 abr 2025.

DOHMANN, Marcos. **Cultura material: sobre uma vivência entre tangibilidades e simbolismos**. Diálogo com a Economia Criativa, Rio de Janeiro, v. 2, p. 41-53, set./dez. 2017. Disponível em: https://dialogo.espm.br/revistadcec-rj/article/view/113 . Acesso em 12 abr 2025. https://doi.org/10.22398/2525-2828.2641-53

FERNANDES, Nelson da Nobrega 2001. **Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

GUIMARÃES. Helenise. **A batalha das ornamentações: e Escola de Belas Artes e o carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015.

LAPLANTINE, François. **O que imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

NAKANOME, Ericky da Silva. A representação do indígena no boi-bumbá de Parintins. 2017. Dissertação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes. Universidade Federal da Bahia, 2017.

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá: imaginário e espetáculo da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2014.

RODRIGUES, Allan. **Boi-bumbá evolução: livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins**. 2 ed. Manaus: Reggo, 2021.

SILVA, Carlos Carvalho da. **A materialidade dos bois-bumbás de Parintins a integração entre o homem e os objetos de devoção**. Revista Educação e Humanidades, v.4, n.2, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/13040 . Acesso em: 12 abr 2025. https://orcid.org/0000-0002-4426-7511

SOUZA, Junior de. **Revelando a fábrica de sonhos do Festival de Parintins**. You Tube. Disponível em: https://youtu.be/w_9NyU8VjTI?si=He4_yhmI1H5NilCe . Acesso em: 12 abrl 2025.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar.** In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.